

LITERATURA JOVEM ADULTA: QUE GÊNERO É ESSE?

YOUNG ADULT LITERATURE: WHAT IS THIS GENRE?

Jemima Stetner Almeida Ferreira Bortoluzi
Programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino
Universidade Federal de Campina Grande
jemima.stetner@estudante.ufcg.edu.br

Resumo: No caminho inverso do que comumente se ouve, adolescente e jovens têm cultivado sistematicamente o hábito da leitura. Muitos dos livros pelos quais eles se interessam, porém, seguem sendo desconsiderados como leituras válidas, tanto pela escola quanto pela academia, por tratarem-se de obras não reconhecidas pelo cânone, a grande maioria delas circunscrita dentro do universo da chamada Literatura Jovem Adulta (ou Young Adult). Compreender, pois que obras são essas e quais seriam os motivos pelos quais elas atraem o interesse de tantos leitores configura-se cada vez mais com um fenômeno a ser investigado. Este trabalho justifica-se, então, pela preocupação em realizar uma pesquisa, ainda que breve, voltada para a investigação de um gênero pouco ou nada estudado academicamente. Nosso objetivo aqui é o de examinar os aspectos gerais que constituem a Literatura Jovem Adulta em língua portuguesa hodiernamente, sopesando a importância dos temas fraturantes como fator relevante de atratividade leitora. Para tanto, utilizamos como base teórica estudos sobre a Literatura YA americana (CART, 2016), sobre juventude (GROPPO, 2000), sobre Literatura Juvenil brasileira (CECCANTINI, 200). Este artigo inicia-se fazendo algumas considerações breves acerca das noções de juventude para, em seguida, ater-se à caracterização da LJA em si: como se deu o surgimento da mesma, o seu desenvolvimento, e como ela se apresenta no Brasil. Finalmente, tecemos algumas considerações concernentes ao papel desta literatura na formação de leitores e a relevância de seu estudo sistemático.

Palavras-chave: Literatura; Literatura YA; Literatura jovem adulta.

Abstract: Contrary to what is commonly heard, teenagers and young adults have systematically cultivated the habit of reading. Many of the books they are interested in, however, continue to be disregarded as valid readings, both by the school and the academy, because they are works not recognized by the canon, the vast majority of them circumscribed within the universe of the so-called Young Adult Literature (or Young Adult). Understanding what these works are and what would be the reasons why they attract the interest of so many readers is increasingly configured as a phenomenon worth to be investigated. This work is justified by the concern to carry out a research, briefly, focused on the investigation of a genre that is little or not studied academically. Our objective here is to examine the general aspects that constitute Young Adult Literature in Portuguese today, weighing the importance of fracturing themes as a relevant factor of reader attractiveness. To do so, as a theoretical basis we use the American YA Literature (CART, 2016), the youth (GROPPO, 2000), and the Brazilian Youth Literature (CECCANTINI, 200). This article begins by making some brief considerations about the notions of youth, and then focusing on the characterization of the YAL itself: how it emerged, its development, and how it presents itself in Brazil. Finally, we make some considerations concerning the role of this literature in the formation of readers and the relevance of its systematic study.

Key-words: Literature; YA Literature; Young adult literature.

Introdução

Escutamos constantemente acerca da falta de interesse dos adolescentes e jovens em ler (ALMEIDA, 2018). Os fatores apontados são diversos, indo desde a impossibilidade de se rivalizar com as muitas formas de entretenimento a eles oferecidas, até as lacunas em suas formações escolares. Há dados, porém, como os divulgados nos Relatos de leitura no Brasil (FAILLA, 2021), que nos revelam práticas diferentes das comumente vociferadas pelo senso comum: os adolescentes e jovens leem, e muitos deles leem bastante. Tal constatação guiou nossa curiosidade a buscar investigar onde residiria o desencontro entre tais informações.

O fato é que a leitura experimentada por esses sujeitos muitas vezes não é levada em consideração por não ser estimada com validação nem pela escola, nem pela academia. Isso se deve ao afastamento das obras escolhidas livremente por estes leitores daquelas canônicas, esperadas e enaltecidas (não sem razão) por essas instâncias. Assim, compreender que obras eram essas escolhidas livremente por este público e quais seriam os motivos pelos quais eles as selecionavam nos pareceu algo interessante a ser investigado.

Uma experiência significativa que se somou a essas percepções e fez crescer o desejo de investigar mais atentamente essas questões deu-se em 2019, a partir da revitalização e reinauguração da biblioteca da escola na qual lecionávamos, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador Argemiro de Figueiredo, localizada na cidade de Campina Grande-PB.

Naquela oportunidade, a biblioteca foi pintada, todos os títulos foram devidamente catalogados, fichas de empréstimo confeccionadas, acervo renovado a partir do desengavetamento de obras que ainda se encontravam lacradas ou inacessíveis em armários trancados, longe do alcance de nossos leitores. Nomeamos o novo espaço de leitura em homenagem a uma grande escritora de nossa terra que, infelizmente, falecera naquele mesmo ano: Lourdes Ramalho. No dia da inauguração recebemos familiares da homenageada, professores de Universidades locais e jovens autores vieram conversar com nossos alunos. Foi um dia bonito e alegre.

Ao longo da semana, porém, recebemos algumas sugestões (em uma caixinha deixada naquele ambiente justamente para este fim), indagando se seria possível adquirirmos obras “mais jovens”. Perguntamos, então, aos nossos alunos que obras seriam essas. Tratava-se de livros como a saga *Crepúsculo*, da escritora americana Stephenie Meyer, a série distópica da jovem autora estadunidense Veronica Roth - *Divergente*, ou a trilogia *Feios*, do também americano Scott Westerfeld.

Obras de fantasia de autores estrangeiros contemporâneos, best-sellers, livros que viraram filmes ou séries, romances clichês publicados unicamente em plataformas digitais, distopias adolescentes e histórias que traziam em seu bojo questões de identidade e temas fraturantes - como pedofilia, estupro, suicídio, homoafetividade e racismo - figuravam entre as leituras favoritas destes jovens leitores. Textos que, mesmo não prestigiados dentro das salas de aula, eram temas das conversas nos corredores e nos grupos de meninos e meninas sentados no chão embaixo das árvores do pátio ou nos degraus das escadas na frente da biblioteca.

As reações iniciais dos docentes envolvidos nessa revitalização da biblioteca a esta demanda foram do extremo desprezo e ceticismo até a animação e o engajamento. Aqueles que julgavam estes livros como menores ou sem valor literário - mesmo sem nunca os terem lido -, retomaram o discurso de que os jovens de hoje não leem, ou, pelo menos, não leem bons livros. Nós, que ficamos animados, organizamos uma semana de arrecadação de doações deste tipo de obra - uma vez que foi barrada sumariamente a

hipótese de solicitarmos ao Conselho Escolar a compra destes livros na categoria “renovação de acervo da biblioteca” - e, assim, criamos uma estante específica a qual chamamos de “Livroflix”, numa brincadeira linguística com o nome de uma famosa plataforma de *streaming* bastante popular.

O resultado desta ação foi a estante esvaziada na primeira semana de oferta destas obras para empréstimo e lista de espera para o mês inteiro. Alunos que nunca haviam sequer estado na biblioteca da escola encontravam-se agora frequentando regularmente aquele ambiente em busca dos livros da nova estante. Durante aquele ano - que foi o último de funcionamento presencial das escolas, haja vista que em 2020 iniciou-se a pandemia - a “Livroflix” foi a estante mais concorrida de nossa biblioteca e as sugestões de obras para enriquecer aquele acervo não pararam de chegar.

Partindo desta experiência, somada a outras tantas observadas sistematicamente ao longo de uma década em sala de aula, percebemos que, enquanto a academia continua a debruçar-se quase que exclusivamente sobre obras e autores clássicos e do cânone, e professores lutam para formar hábitos e o gosto pela leitura em seus alunos a partir destes escritos, os jovens e adolescentes têm lido sistematicamente - e por livre escolha - livros circunscritos no universo da *Literatura Young Adult*¹, e o fazem com grande entusiasmo.

Muito embora esta ainda seja considerada por muitos uma literatura menor, a sua força parece ser tão significativa que, embora a escola e a academia persistam fechando suas portas principais para sistematizar seu estudo, ela segue encontrando terrenos para sedimentar suas comunidades interpretativas (FISH, 1982), notoriamente em meios digitais. Como exemplo, temos os muitos *Booktubers*, *Bookgrams*, *Booktokers* e *Blogers* que surgem diariamente e formam enormes e fecundas comunidades de leitores (CHARTIER, 2001) nessas plataformas com o fim de discutir e compartilhar as experiências de leituras por elas provocadas.

Refletindo sobre tudo isso, pareceu-nos importante investigar o que haveria nestas obras de *Literatura Jovem Adulta* (doravante LJA) que as fariam aparentemente tão atrativas para o leitor jovem, sendo capaz de provocar reações cognitivas nos que as leem e, mais ainda, tirar da latência leitores que, parece, estavam apenas à espera de um personagem ou história capaz de projetar os seus desejos.

Para tanto, necessitávamos compreender o gênero em si. Assim, pensamos pertinente nos ater no presente trabalho a buscar delinear os contornos que caracterizam a LJA. Pretendemos ainda singulariza-la, por suas especificidades e reconfigurações temáticas e estéticas, separando-a da Literatura Juvenil, estudada de forma já sistemática há algumas décadas no Brasil. Neste ponto, nossa hipótese é que a questão da especificidade aqui, talvez, se concentre mais nos temas abordados, temas que atravessam as juventudes, e nas escolhas da construção de uma linguagem simbólica mais próxima do leitor jovem, do que necessariamente em uma restrição de público-alvo.

Este trabalho justifica-se, então, pela preocupação em realizar uma pesquisa, ainda que breve, voltada para a investigação de um gênero pouco ou nada estudado academicamente. A nossa busca caminhará em direção a sistematização de sua compreensão, podendo, desta forma, refletir também sobre a fluidez que se percebe atualmente entre os limites do universo adulto e do universo juvenil em nossa sociedade.

¹ Em tradução livre significa Literatura Jovem Adulta, e assim a chamaremos daqui por diante neste trabalho, seja ela nacional ou estrangeira traduzida para o português, ainda que este termo pareça não dar conta de nomear adequadamente esta literatura.

Assim, nosso objetivo aqui é o de examinar os aspectos gerais que constituem a Literatura Jovem Adulta em língua portuguesa hodiernamente, sopesando a importância dos temas fraturantes como fator relevante de atratividade leitora. Para tanto, iremos acompanhar o gênero desde seu surgimento, no século XX, e analisar como, na atualidade, ele continua a demandar debates e estudos a fim de fortalecer o reconhecimento destas obras literárias, investigando as razões pelas quais elas continuam sendo desconsideradas como dignas de estudo pela academia.

Ademais, para falar sobre LJA - uma literatura adjetivada -, precisamos falar sobre juventude, abordando-a como categoria social (GROPPO, 2000), e não como faixa etária, uma vez que envolve questões históricas, geográficas, sociais, culturais, políticas e religiosas. Deste modo, iniciamos o presente artigo fazendo algumas considerações breves acerca das noções de juventude para, em seguida, nos atermos à caracterização da LJA em si: como se deu o surgimento da mesma, o seu desenvolvimento, e como ela se apresenta no Brasil. Finalmente, tecemos algumas considerações concernentes ao papel desta literatura na formação de leitores e a relevância de seu estudo sistemático.

1. Reflexões sobre literatura e juventude

As obras classificadas como *Literatura Jovem Adulta* fazem parte de um gênero definido inicialmente levando-se em consideração o seu público-alvo, jovens e adultos entre 14 e 25 anos de idade², mas que não pode ser determinado olhando-se única e tão somente para a questão da provável faixa etária de seus leitores. A LJA precisa ser considerada como mais potente que seu adjetivo, como uma literatura que potencialmente pode contribuir para a formação do leitor.

O primeiro ponto a se discutir, então, é a própria noção de juventude, categoria muito recente que nasce com a revolução industrial, de acordo com Calligaris (2010), e não se fecha em uma classificação fixa de faixa etária, mas se apresenta como uma representação social. Mais acertado seria, portanto, falarmos de juventudes, uma vez que, para além do cronológico, pesam nesta categorização os aspectos de cunho social. Segundo Groppo (2000):

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social [...]. Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 200, p. 08).

Nossa sociedade, via de regra, rotula os jovens de formas pejorativas, porque em nosso sistema cultural de educação (familiar e formal) a oposição, a rebeldia, a resistência, não são vistas com bons olhos. Adolescentes são as crianças que não podemos mais controlar com nossas próprias artimanhas de poder, com ordens sem causas explícitas, chantagens ou castigos, por exemplo. Isso assusta e irrita o adulto.

Ainda segundo Calligaris (2010), a adolescência seria uma fase de suspensão, uma espécie de atualização dos ritos de passagem de sociedades mais antigas, ao fim dos quais o sujeito deveria alcançar uma certa condição física, uma determinada idade

² Segundo a YALSA (Young Adults Library Services Association).

ou mesmo algumas competências esperadas para o convívio social satisfatório dentro dos padrões preestabelecidos pelo contexto em que se encontravam inseridos. Ao superar esses ritos, esse sujeito estaria apto a assumir uma nova condição social na qual ele seria capaz de trabalhar, escolher um (a) companheiro (a) e participar das decisões mais complexas da sociedade.

Sendo assim, encarando esta fase como um vir a ser, o sujeito nela circunscrito ainda não seria nada: estaria tão somente se preparando ainda “para”. Mas, nesta fase, ele já é um sujeito. O fato é que vivemos em um sistema que desqualifica a juventude, associando as ideias de irreverência e liberdade a um universo marginalizado, posto que, muitas vezes, antagoniza com os modelos já cristalizados por uma sociedade que vê eminentemente na tradição as fontes mais seguras de poder e felicidade.

Nesta sociedade em constante transformação, que expectativas se criam acerca do jovem? Que conduta esperar de um indivíduo que está se construindo em um mundo que convive com as ruínas de paradigmas do passado? Perceber-se que esta posição paradoxal gera bastante ansiedade nos jovens e talvez por esta razão muitos dos temas recorrentes nas obras de LJA, que tanto seduzem estes leitores, sejam questões de identidade e formação.

Logo, podemos perceber que o fato que aproxima o leitor da LJA é o mesmo que a põe em lugar de suspeição por instâncias como a escola e a academia: a imagem social que se tem das obras a partir do juízo de valor que se dá a elas reflete a imagem intelectual que se faz de seu leitor, imerso em uma determinada cultura letrada (ABREU, 2006).

O professor da Unesp João Luís Ceccantini (2000), especialista em literatura juvenil brasileira, por sua vez, afirma que, embora no século XVIII *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, já se configurasse como predecessor do gênero juvenil, este só ganhou força nos anos 1950, época na qual que foi lançado *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J. D. Salinger.

O Brasil aguardaria ainda outros 20 anos por essa mudança: antes, passava-se das páginas infantis diretamente para os clássicos adultos. Aqui o marco incontornável da chegada do gênero foi *Harry Potter*, da britânica J. K. Rowling, lançado nos anos 1990. De acordo com este mesmo autor, “surgiu com ele um leitor que se formou na literatura transmidiática, que chega aos cinemas e aos games”, arrematando para o mundo da leitura literária um grande grupo que não tinha acesso ao mundo letrado e tirando da latência outros tantos sujeitos das mais diversas faixas etárias.

Deste modo, percebemos que, colacionada à outras literaturas adjetivadas - como, por exemplo, a infantil -, a voltada para adolescentes e jovens é relativamente atual, vindo a ser considerada como uma categoria à parte dessas apenas no início do século XX (STRICKLAND, 2013). Até 1904, ano em que, por meio dos estudos do psicólogo e pesquisador Stanley Hall, cunhou-se o conceito de adolescência, esta fase da vida não se distinguia da adulta. Segundo Cart (2010), no momento em que o indivíduo começava a trabalhar, já era considerado adulto, o que costumava acontecer a partir dos 10 anos de idade.

Ainda que muitas das concepções de Hall tenham sido rebatidas nas décadas seguintes, o conceito de adolescência permaneceu, sendo ampliado e aprofundado por Michael Cart em sua principal obra sobre o tema - *Young Adult Literature: From Romance to Realism* (2010). Nela, o autor faz a contextualização histórica da literatura YA estadunidense, estabelecendo como importante característica ao se considerar uma literatura para jovens a criação de uma *cultura de juventude*³, nos anos que seguiram a

³ Termo original: “youth culture”.



Grande Depressão americana. Neste período, estabeleceu a migração das pessoas de 12 a 18 anos para a escola em vez do mercado de trabalho, surgindo, assim, uma nova categoria social na qual indivíduos da mesma idade passaram a coexistir e vivenciar experiências semelhantes no mesmo meio, criando um vínculo sociocultural entre eles.

2. Literatura Jovem Adulta: que literatura é essa?

Adentrar a discussão sobre literaturas partindo da adjetivação do gênero - literatura infantil, juvenil, negra, feminista, etc. - é algo que temos visto constantemente em trabalhos acadêmicos e que funciona, em geral, para melhor parametrizar e sistematizar tais estudos. O que ocorre, todavia, é que, em relação a LJA, a adjetivação traz consigo julgamentos pré-concebidos e carregados de preconceitos, tanto em relação as obras quanto aos seus leitores.

Se tomarmos como exemplo a Literatura Juvenil, que já vem sendo estudada e discutida sistematicamente do Brasil desde os anos 1970, podemos observar ainda pontos de tensão na sua construção enquanto sistema literário independente e relevante. Maiores desconfiças enfrenta a LJA, que vem ganhando vulto nas prateleiras das livrarias e nas estantes dos leitores das mais várias faixas etárias desde o início do século XXI.

Para começarmos, pois, a traçar as linhas que ainda tenuemente delineiam os contornos da LJA, precisamos também compreender suas origens estrangeiras e transformações em território nacional. Catherine Ross (1985), em seu artigo “*Young Adult Realism: Conventions, Narrators and Readers*”, afirma:

O YA é um gênero da literatura que tem se desenvolvido desde meados dos anos 60 e é atualmente reconhecido pelas seguintes características: protagonistas adolescentes, narração a partir do ponto de vista do adolescente, cenários contemporâneos realistas e abordagem de assuntos que eram antes considerados tabus. (ROSS, 1985, p.174 - tradução minha).

Estando presente no Brasil muito recentemente - marcadamente com o fenômeno da saga do menino bruxo *Harry Potter*, na primeira década dos anos 2000 -, percebemos que ainda é preciso ampliar bibliografia, definições e estudos acerca de suas especificidades em território nacional. Já nos Estados Unidos, país em que o termo foi cunhado, foi a partir dos anos 1930 que se deu início às pesquisas a respeito desse gênero. Segundo Cart (2016), foi a Grande Depressão que fez surgir uma cultura denominada “jovem”, fundamentada em movimentos de reconhecimento da juventude, e que consolidou por lá a literatura *Young Adult* enquanto gênero, por volta dos anos 1960.

Destarte, nos anos 1930, as editoras, percebendo a emergência dessa cultura, vislumbraram a oportunidade de lucrar com produções voltadas para essa faixa etária. Começaram, então, a produzir e lançar livros tendo esse público em mente, assim como passaram a republicar obras que originalmente haviam sido pensadas para adultos, mas que poderiam agradar também essa nova audiência.

A LJA surge, então, abarcando ficção e não-ficção, bem como todos os subgêneros contidos entre essas duas categorias. Em seu início (segunda metade do século XX), ela caracterizou-se predominantemente por enredos ficcionais com temáticas mais realistas referentes a esse público específico, como, por exemplo, relacionamentos, depressão, álcool, drogas, sexualidade, racismo, morte, etc. Em um

segundo momento (século XXI), o gênero continuou a ter enfoque na ficção, porém agora sendo representado pela fantasia e pelas distopias, a exemplo de títulos como Harry Potter, Crepúsculo e Jogos Vorazes. Além desses, a LJA também sempre foi permeada por temas como o romance e o terror.

Outro fato importante a ser observado é que a grande maioria dos prodígios do gênero não foram escritos por autores nacionais, mas consistem em traduções. Foi somente a partir de 2014 que uma autora nacional de literatura jovem adulta - Isabela Freitas, com seu livro “Não se apega, não” -, figurou entre os 10 mais vendidos no segmento. Mas estes números vêm crescendo expressivamente na última década, principalmente nas plataformas digitais de autopublicação (TORRES, 2018).

Podemos perceber, assim, o caminho que esta literatura vem traçando no sentido de firmar-se enquanto sistema independente da literatura Juvenil. No Brasil, a produção literária juvenil surgiu atrelada à necessidade de escolarizar a leitura, nascendo para um público - os adolescentes -, com um endereço certo - a escola -, e função determinada - ensinar. Entretanto, mesmo tendo abrolhado para suprir uma lacuna pedagógica do sistema escolar, ela ultrapassou esse sistema. Estudos como o de Ceccantini (2000) investigam de maneira aprofundada esta literatura e defendem que a Literatura Juvenil é um espaço ainda muito amplo para estudos, carecendo de mais historização.

Os influxos que matizaram a literatura juvenil, nas décadas de 1970 e 1980, desvinculando-a marcadamente da Literatura Infantil - que neste momento já tinha contornos bem demarcados e atenção prestigiosa da academia - deveram-se, em grande parte, à necessidade de estabelecimento de uma identidade cultural própria. Com o tempo, a exemplaridade, a concepção utilitarista e o discurso literário eficaz foram cedendo lugar à reflexão, ao questionamento ou simplesmente à fruição. Já nos anos 90, evidenciou-se uma tendência à diversidade de estilos e temáticas, apontando claramente para novos caminhos estéticos para esta literatura (LAJOLO; ZILBERMAN, 1994).

O mesmo acontece agora com a LJA. Embora anteriormente representada no gênero juvenil, pode-se dizer que o que assinalou a sua distinção e a pôs como foco no Brasil foi o fenômeno Harry Potter (NORONHA, 2017). De acordo com a reportagem da revista Veja, Luís Antonio Torelli, presidente da Câmara Brasileira de Livros (CBL), diz que:

Harry Potter foi um dos grandes responsáveis por expandir o mercado editorial. Seu enredo e linguagem conquistaram leitores em todo o mundo, mas, mais importante que isso, Harry Potter foi a porta de iniciação para muitos não-leitores. Muitos jovens começaram e ainda começam a ler a partir dessa saga. A obra de J.K. Rowling impactou toda a cadeia. (apud NORONHA, 2017).

Como características principais, A LJA apresenta dois grandes pilares: um centrado nas personagens e outra nos temas. Relativamente ao primeiro, temos adolescentes e jovens no papel de protagonistas que evoluem e amadurecem ao longo da história. Personagens contemporâneos lidando com questões contemporâneas. As circunstâncias as quais são submetidas neste processo de maturação vão desde situações escolares e familiares, até o enfrentamento de tiranos ou perigos apocalípticos. O fato é que, seja qual for a conjuntura, estes jovens adultos experienciam mudanças de status sociais e emocionais que os levam a um patamar distinto daquele nos quais se encontravam no início de suas jornadas, vivenciando sempre movimentos de fragmentação e reconstrução de si mesmos.

Em seus percursos, essas personagens convivem com os anseios e conflitos próprios desta fase de amadurecimento, como revolta, insegurança, confusão, autodescoberta, sentimento de inadequação ou incompreensão, primeiros amores e experimentação de sua sexualidade. São esses tipos de emoções que fazem com que o público imediatamente identifique-se com a obra, afinal, já viveu ou está vivenciando muitos destes conflitos.

O dado da identificação destes personagens com o leitor é, portanto, sobremaneira importante na construção e recepção deste tipo de obra, além da compreensão do porquê esta literatura lançar mão de muitos clichês em sua construção (bruxos, vampiros, zumbis, mundos apocalípticos, cortes, amores impossíveis). Ainda que algumas estruturas narrativas não sejam necessariamente inovadoras – pessoa comum que descobre ser extraordinária, luta contra isso por não aceitar imediatamente essa mudança de status, e vive uma jornada de aventuras e perdas em busca de seu lugar no mundo; casal que inicialmente se odeia, ao longo da narrativa se descobre apaixonado e nega isso o quanto pode, mas no final fica junto porque o amor prevalece; mundos distópicos que são salvos por causa da ousadia, valentia e rebeldia de um jovem ou grupo de jovens, etc – estes estereótipos são atualizados de algum modo.

Cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra de um escritor é apenas uma espécie de instrumento óptico que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que, sem o livro, talvez não tivesse visto em si mesmo. (PETIT, 2013, p. 46).

O importante nessas histórias, muitas vezes, não é o que vai acontecer, mas como vai acontecer e quando vai acontecer; nem sempre é o que elas dizem, ou como dizem, mas as discussões que são capazes de suscitar.

Quantos aos temas, os livros de LJA vão acerrar-se daqueles que permeiam o dia a dia de um jovem. E isso inclui temas fraturantes como a morte, a depressão, a sexualidade, o *bullying*, doenças, aceitação ou rejeição por parte da sociedade, a violência e a busca por uma identidade, tratando-os em cenários realistas, mas também em meio a panoramas fantasiosos, distópicos ou em tramas de terror e suspense.

Enquanto a Literatura Juvenil nasce para a escola e com um público-alvo específico, a Literatura Jovem Adulta brota da necessidade de seus autores - grande parte deles jovens - de contarem suas histórias, experiências e angústias, de serem ouvidos. Ela floresce atualmente no terreno da internet, por meio de plataformas de autopublicação e publicações digitais, sem as grandes burocracias e custos de editoras. Por tudo isso, escapa da censura da escola e da sociedade, tendo maior liberdade para abordar temas sensíveis de maneiras bastante explícitas, apresentando carga de dramaticidade suficiente para impactar leitores jovens e adultos.

O conteúdo é visto como mais maduro que os mobilizados em obras de literatura juvenil, seja pela forma como são abordados, seja pelas possibilidades de reflexão que possam suscitar. No Twitter, o autor de LJA brasileiro Victor Martins criticou a empresa TAG (um clube de assinatura de livros) por ter alegado em um e-mail para os assinantes que a caixa dedicada a “literatura que faz pensar e desafia o leitor a sair de sua zona de conforto” (MARTINS, 2018) não enviaria livros *young adult*. Segundo o autor, “uma empresa que diz que literatura YA não faz pensar desprezita não só os autores e as editoras, mas, principalmente os leitores”, e afirmou que:

Atualmente a literatura YA é uma das poucas que tem tido a coragem de se posicionar e dar nome aos bois. falar sobre RACISMO,

HOMOFOBIA, GÊNERO, CULTURA DE ESTUR-PO (sic) etc sem maquiagem o tema e ainda assim se colocar como um livro comercial que vai para as prateleiras das livrarias. (MARTINS, 2018).

Sendo assim, podemos notar que a LJA não costuma limitar seus temas ou a maneira de os expor em suas obras por tabus ou pelo que se tradicionalmente se consideraria apropriado para um público jovem. É, em muitos momentos, e essa tem sido a característica que vem se apresentando mais fortemente na última década, uma literatura engajada, abordando questões de importância social e com foco na representatividade. O protagonismo inclusivo e a elevação aos papéis principais de personagens representativos de minorias - como gays, lésbicas, negros, pessoas com deficiências -, são cada vez mais comuns neste tipo de obra.

O modo como os temas são trazidos para a LJA parece permitir de forma mais atual que jovens de diferentes realidades, de diferentes narrativas, possam se experimentar quando estão lendo e, não raro, encontrar nela uma ou algumas respostas.

A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles (...) porque ela encena a linguagem, em vez de, simplesmente utilizá-la, a literatura engrena o saber no rolamento de uma reflexividade infinita: através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber (...) a escritura faz do saber uma festa. (BARTHES, 2004).

Essa literatura apresenta potencial para contribuir de algum modo também com o autoconhecimento de quem as lê, porque os temas e a linguagem parecem estar mais próximos do leitor ou serem mais emblemáticas para ele; mas isso não é um fato certo, absoluto nem limitante.

A linguagem destes textos costuma trazer um ritmo acelerado, erigindo narrativas em que os acontecimentos ocorrem de forma rápida, pois nelas a ação importa mais que as descrições. Em geral, não são textos que necessitam da mobilização de saberes que envolvam contextos históricos mais elaborados ou bagagem literária de obras canônicas, podendo ser mais relacionados as questões, comportamentos e linguagens contemporâneos. Costumam, entretanto, mobilizar intertextos bastante atuais e serem marcadamente intermidiáticos, utilizando em sua composição ou fazendo referências, por exemplo, a memes, outros livros de LJA e filmes que deles derivaram.

Compreender que literaturas adjetivadas são especialmente recepcionais é importante na medida em que tal compreensão possa ajudar aqueles que estudam literatura e também os que formam leitores a despir-se de variados preconceitos e buscar avaliar e apreciar obras de LJA, por exemplo, respeitando os seus leitores e efeitos estéticos. Isto porque, tratando-se de um bom livro, esse adjetivo é parte móvel na expressão, não determinante, interessando apenas às compras governamentais, catalogação, organização de bibliotecas e número de vendas.

A LJA precisa ser considerada como mais potente que seu adjetivo, pois uma literatura que não é potencialmente boa para todos, não deveria ser boa para ninguém. Isto é, adjetivar uma literatura ajudaria apenas no âmbito da sistematização e estudo, não devendo ser parâmetro de valoração.

Considerações finais

Considerando os pressupostos até aqui apresentados, entendemos que é ainda um tanto provisória a busca de definições últimas para essa produção literária peculiar, na medida em que ainda estamos na busca por uma clara delimitação para o nosso objeto e na construção do estabelecimento pleno de uma metodologia para a sua abordagem.

Em princípio voltada para uma faixa de leitores que, a partir do século XX, constitui esse terreno vago, impreciso e mítico que tem sido denominado juventude, a LJA vem ganhando novos contornos e matizes. Acreditamos que fomentar pesquisas sobre estas produções possa contribuir para a sua sistematização, e cooperar também no fortalecimento do papel do seu leitor, proporcionando um espaço que leve em consideração verdadeiramente a sua voz, suas inclinações e preferências. Desta forma se viabilizaria que jovens de diferentes realidades, de diferentes narrativas, pudessem se experimentar enquanto leem o que lhes atrai.

Percebemos, assim, que o grande papel da LJA hoje encontra-se circunscrito dentro desse contexto da formação de leitores, indo desde o fomento ao gosto pela leitura, a formação do hábito de ler, a desmistificação desse ato, até o resgate de leitores que haviam por algum motivo se afastado dessa prática. O trabalho de formar leitores certamente não é nada fácil, pois estes precisam ser desafiados a querer ler, principalmente em se tratando do texto literário. Podemos afirmar que a escolha do texto é importante chave de partida e de chegada neste ato, e perceber este valor em relação a LJA é um ponto chave para não afastar o jovem da leitura.

Estes livros são feitos de ideias, mais do que de histórias bonitas e divertidas para passar o tempo. Neles se encontram aberturas diversas para compreender o mundo, que é grande e complexo. De acordo com Debus (2017):

A palavra ficcional arrebatava o leitor para um tempo e espaço que não são seus. Desse modo, ele experienciava um viver distante do seu, ao mesmo tempo tão próximo, e, ao voltar desse encontro ficcional, já não é o mesmo; ele é capaz de reconfigurar seu viver. (DEBUS, 2017, p. 29).

Por isso, privilegiar narrativas que estabelecem verdades prontas e fechadas é negar repertório que contemple os conflitos, os desejos, os medos, as alegrias e os sonhos humanos, com convites para caminhos plurais. A oferta da língua que narra, comunica, ordena, subverte, já é promessa de alguma liberdade. Por isso, vemos na LJA que oferta aos que dela experimentam a abertura para novos horizontes que os ajudem a compreender o tempo e o espaço em que vivem e as relações das quais participam, o potencial de formar leitores que tenham prazer no ato de ler.

No tocante à presença destes temas fraturantes nos textos que podem ser lidos por adolescentes e jovens, o que se percebe é que as obras consideradas como inadequadas para estes leitores são aquelas nas quais se abordam alguns assuntos considerados “adultos”. Evita-se falar de violência, mas a infância e a juventude são submetidas e expostas a ela em seu dia a dia. Teme-se bastante discutir outras formas de sexualidade e união, que fogem do que se consagrou como “tradicional”.

A sociedade define o que é “adequado”, mas por que alguns temas seriam considerados polêmicos, por que haveria assuntos não indicados para as juventudes se grande parte deles também influenciam suas vidas, se fazem parte de seus questionamentos e de suas aflições? Seria válido considerar a literatura como uma grande possibilidade de compreensão de muitos aspectos de nossa existência, podendo contribuir com o autoconhecimento destes leitores jovens, talvez pelo fato de os temas e

a linguagem que tais obras mobilizam estejam mais próximos do leitor ou sejam mais emblemáticas para ele; mas isso não é um fato certo, absoluto, nem muito menos limitante. Mas, como afirma Petit (2013, p. 42) “é impossível prever quais serão os livros aptos a ajudar alguém a se descobrir ou se construir”.

Nada, pois, de reducionismos infantilizantes, nem esquemas banais falsificadores da realidade. Revalorizar o próprio discurso da LJA requer, pois, um processo de fusão estética, que a identifique como literatura sem incidências semânticas restritivas, contribuindo para que ela, que ainda segue preconceituosamente sendo considerada uma literatura menor, possa progressivamente desvencilhar-se desse estigma.

Ao levantar essas questões não estamos perdendo de vista o fato de, apesar de não haver, essencialmente, uma barreira quanto à temática das obras de LJA, existirem outros fatores envolvidos na avaliação para a publicação destes livros, mesmo quando estes apresentam qualidade literária, pertinência no desenvolvimento do tema, na estrutura sintática e na linguagem adotada. Por exemplo, antes de editar um novo título, a editora precisa calcular o potencial de venda daquela obra, a sua aceitação por seu público-alvo, assim como a aquiescência pelos professores e a possibilidade de adoção pelas escolas.

Por estas razões, defendemos a LJA enquanto sistema literário (CANDIDO, 2017), uma vez que ela nos parece ser capaz de “constituir um espaço textual plurissignificativo do homem diante do mundo” (TURCHI, 2002, p. 23) - seja ele jovem ou não. Ela possui um meio bem definido de circulação, autores conscientes de seu papel social, obras caracterizadas pelo recorrente cultivo do imaginário, pela riqueza de simbologias, e, principalmente, por seu alto teor de inventividade e de renovação, além de um sistema de tradição cada vez mais sedimentado.

É preciso olhar para as nossas juventudes com respeito, com afeto, percebendo que há ali um processo de crescimento, e a literatura pode contribuir relevantemente neste processo, pois, como nos diz Petit (2013):

Esse espaço criado pela leitura não é uma ilusão; é um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito. Porque os leitores não são páginas em branco onde um texto é impresso. Os leitores são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto e deslizam entre as linhas com seus desejos, suas fantasias, suas angústias. (PETIT, 2013, p. 42).

Não se trataria, portanto, da adequação de uma produção literária a um determinado público-alvo, levando prioritariamente em conta as relações do mundo do jovem com os meios de massa e a indústria do entretenimento, como comumente costuma-se sopesar acerca da LJA. Trata-se, sim, de uma produção literária que apresenta teor simbólico de linguagem e incorporação em suas narrativas de questões e estruturas distintas daquelas apresentadas por obras de diferentes tempos. Obras que mobilizam temáticas que correspondem ao anseio de leitores das mais diversas idades por outras respostas possíveis a questões diversas sobre si e sobre o mundo, convocado, em especial, o entendimento e o sentimento de sujeitos em formação.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALMEIDA, Pedro. O que você sabe sobre a formação de leitores pode estar errado. *In*: PUBLISHNEWS. São Paulo, 21 Ago. 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/08/21/o-que-voce-sabe-sobre-a-formacao-de-leitores-pode-estar-errado>. Acesso em: 21 Out. 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**. Editora Cultrix, 2004.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo técnico resultados do índice de desenvolvimento da educação básica**. Brasília, DF: INEP/MEC, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/resultados>. Acesso em: 21 Out. 2022.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 16. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2017.

CART, Michael. **Young Adult Literature: from romance to realism**. 3. ed. Chicago, IL: American Library Association, 2016.

CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. **Narrativas Juvenis: outros modos de ler**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

_____. **Uma estética da formação: vinte anos de Literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)**. 459 p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2000.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FISH, Stanley Eugene. **Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities**. Massachusetts: Harvard University Press, 1982.

GROPPO, Luís Antônio. **Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1994.

MARTINS, Vitor. **Mta gente na minha timeline está falando a respeito (...)**. São Paulo, 17 Abr. 2018. Twitter: @vitormrtns. Disponível em: <https://twitter.com/vitormrtns/status/986323645495758849>. Acesso em: 10 mai. 2020.

NORONHA, Heloísa. Fenômeno impulsionou o gênero ‘jovem adulto’ nas livrarias: livrarias brasileiras sequer tinham divisão de livros para adolescentes, filão iniciado por Potter, que abriu espaço para ‘Crepúsculo’ e ‘Jogos Vorazes’. *In*: VEJA. São Paulo, 24 junho 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/especiais/fenomeno-impulsionou-o-genero-jovem-adultonas-livrarias/>. Acesso em: 21 Out. 2022.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROSS, Catherine. Young Adult Realism: Conventions, Narrators, Readers. **The Library Quarterly**, v. 55, n. 2, p. 174-191, 1985.

STRICKLAND, Ashley. A brief history of young adult literature. Atlanta: *In*: CNN. Atlanta, 15 abril 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2013/10/15/living/young-adult-fiction-evolution/index.html>. Acesso em: 21 Out. 2022.

TORRES, Bolivar. **Como escritores estão faturando sozinhos com autopublicação na internet**. Rio de Janeiro: *In*: O GLOBO. Rio de Janeiro, 17 Out. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/como-escritores-estao-faturando-sozinhos-com-autopublicacao-na-internet-23160990>. Acesso em: 21 Out. 2022.

TURCHI, Maria Zaira. O estatuto da arte na literatura infantil e juvenil. *In*: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (Orgs.) **Literatura infanto-juvenil: leituras críticas**. Goiânia: Ed da UFG, 2002. p. 23-31.